



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

REQUERIMENTO

Câmara Municipal do Rio Grande

PROCESSO N.º 71407

17 / 03 / 1999

COPIADO
DO
ORIGINAL

Exmo. Sr. Presidente

	ATA N.º
EXPEDIENTE _____/_____/199____	
ACEITO EM _____/_____/199____	
APROVADO EM _____/_____/199____	
REJEITADO EM _____/_____/199____	
ARQUIVO _____)	

O(s) VEREADOR(ES) abaixo-assinado(s) requer(em) a V. Exma., após ouvida a casa

PROJETO DE LEI

Dá denominação de Ailza Duprat a uma via pública de
nosso Município.

Art.1º - Fica denominado AILZA DUPRAT a uma via pública de nosso
Município.

Art.2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art.3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Rio Grande, 17 de março de 1999.

Sandro F. de Oliveira

Vereador Sandro Figueiredo de Oliveira (BOKA)
Vice Líder em Exercício da Bancada PPB

Sala das Sessões, de

de 1999

VISTO

[Signature]
Presidente

Falar de Ailza Duprat é falar de dedicação, de caridade, de amor ao próximo. Ailza viveu e morreu pensando em ajudar e fazer -do o bem. Este foi o grande objetivo de sua vida.

Filha , mais moça, do Dr. Augusto Duprat e Da. Maria Isabel Campello Duprat, nasceu na cidade de Rio Grande a 18 de março de 1906.

Quando jovem ajudava seu pai , médico dedicado , abnegado , sempre procurando mitigar a dor dos doentes que atendia.

Contam que o Dr. Duprat ao visitar os pacientes e percebia que estes não tinham como adquirir os remédios, deixava embaixo do travesseiro do paciente o dinheiro necessário para a compra do medicamento.

Vendo estes exemplos Ailza foi adquirindo esta formação de amor ao próximo e caridades.

Jovem ainda foi para Buenos Aires onde estudou e se formou em Comércio.

Retornando à cidade natal, começou a trabalhar no antigo Banco do Comércio ,hoje, Meridional. Foi a pioneira das mulheres na atividade bancária .

Depois de algum tempo, deixa o banco e começa a trabalhar por conta própria , montando um escritório de representação de diversos produtos.

Foi seu sócio nesta atividade o Sr. Walter Albrecht que após sua aposentadoria ficou seu sucessor na firma.

Seu pai,Dr. Duprat,criou um posto de vacinação e atendimento às crianças carentes perto da Praça Saraiva ,

Por muito tempo,este posto,funcionou com o atendimento do Dr. Duprat.

Mais tarde, após a sua morte ,em 1940, em reconhecimento ao seu trabalho foram feitas várias campanhas e doações para a construção de uma casa que recebeu o nome de : Casa da Criança Dr. Augusto Duprat, sito a Rua Cristovão Colombo.

Uma iniciativa pequena que foi se agigantando aos poucos graças ao dinamismo da diretora Ailza.

Os médicos foram surgindo , a convite da diretora , atendiam ,gratuitamente, uma hora por dia, foi criado um Gabinete Odontológico com atendimento igual ao dos médicos ; remédios- amostras- eram dadas aos pacientes. Criou a distribuição do prato de sopa , todas as manhãs, sendo feita esta atividade por amigas, parentes e voluntárias que iam diariamente à Casa da Criança para ajudar a servir a sopa. Uma das últimas iniciativas da Ailza foi a criação de aulas ^{ou} para alfabetização.

A Casa da Criança desde a sua fundação teve inúmeras diretorias e presidentes . Mas. a verdadeira diretora foi Ailza que doou 50 anos de sua vida a esta instituição.

Após a morte de Sua mãe, em 1960, Da. Maria Isabel, - Ailza passou a residir em sua granja, na Quinta, local denominado por ela de "Pinheirão" devido a existência, no local, de um grande pinheiro.

Na granja, fazia criação de ~~coelhos~~ que vendia para o Laboratório Leivas Leite de Pelotas, fabricava rapaduras de leite, iogurte, vendia ovos e aves de raça.

Mesmo desenvolvendo todas estas atividades em sua granja, todas as manhãs, ~~xxxx~~ vinha para o dispensário, procurando sempre ajudar e orientar as pessoas que lá trabalhavam.

Ailza sempre foi amiga de seus amigos, procurando servir a quem lhe pedisse ajuda.

Gostava de andar a cavalo, seu lazer predileto. Aos domingos e feriados saía no seu cavalo "Avante" em passeios pelos arredores da cidade em companhia de sobrinhos e amigas.

A vida de Ailza Duprat é um exemplo de benemerência, de desprendimento e amor.

Seu último gesto foi o maior de todos. Sentindo-se doente, foi ao cartório, com testemunhas, e doou o seu corpo após a sua morte, para estudo, à Faculdade de Medicina.

Infelizmente, esta vida tão dignificante e nobre e que só fez o bem pela cidade onde nasceu findou-se no dia 20 de maio de 1991.

Ailza Duprat (*1906 + 1991)

Meu primeiro contato com Dn^a Ailza ocorreu por conta do «Népe».

Passava distraidamente pela calçada da Marechal Floriano, defronte ao prédio nº 481, antiga residência da família Duprat, quando a um palmo da minha cara, aquele lado, não muito cordial, estourou nos meus ouvidos. A cabeça do Népe talvez fosse maior do que a minha; no mínimo do meu tamanho. Talvez em inteligência, nos igualássemos. Era um cachorro enorme, tipo São Bernardo. Ele sabia perfeitamente que não tinha porque me morder; estava ali para proteger a propriedade de sua dona, dentro da carroceria da caminhonete pick-up, de marca irreconhecível, com a qual a Ailza fazia seus passeios à uma granja, a cujo «hobby» se dedicava.

Havia recentemente me formado em Veterinária e o Népe, muito bem cuidado e tratado, não precisava dos meus serviços. Aliás, naqueles dois primeiros anos de formado, não fiz clínica veterinária pela mais absoluta falta de clientes, embora o anúncio nos jornais. Ao longo dos dois primeiros anos, só tive um caso considerado perdido, que mais pela graça de Deus do que por minhas atenções, conseguiu sobreviver. Dediquei-me a atividade comercial na atual Salies Lima e a veterinária ficou arquivada, até o dia em que pudesse se tornar útil.

Pois a Ailza, com aqueles eternos culotes de montaria e botas, ainda se dedicava nos fins de semana a cavalgar pela cidade, graças a pequena densidade de automóveis nas ruas, na época de sua mocidade e maturidade. Alguém trazia até a Marechal Floriano os cavalos devidamente arriados. Por vezes eram em maior número, porque ela tinha acompanhantes. Era bonito ver-se aquele grupo desfilando com suas montarias ferradas sobre os paralelepípedos, onde as ferraduras largavam faíscas pelo atrito desacostumados dos corceis, trotando como em opalpadelas, onde estranhavam o diferente piso de areia ou pastos ao qual estavam acostumados. Nos áureos tempos do princípio do século, então em pleno desuso, eram comuns famílias organizarem nesse lazer, passeios de fins de semana.

A Ailza, era filha do Dr. Augusto Duprat e de Dn^a Maria Izabel Campello Duprat; ele médico de reconhecida capacidade e fundador reconhecimento público. Uma das iniciativas do Dr. Augusto Duprat foi estabelecer na época, nos limites da cidade, na Praça Saraiva, um posto de vacinação e atendimento à criança. A Casa da Criança como ficou conhecida, em breves tempos demonstrou sua importância, porque diminuiu o índice de mortalidade infantil em Rio Grande. Não era uma creche, mas um posto avançado de vacinação e tratamento de enfermidades, ao qual, nos anos posteriores, se agregou um gabinete dentário.

Desde a fundação do Dispensário Dr. Augusto Duprat, nome como ficara antigamente conhecida a Casa da Criança,

a Ailza foi uma espécie de diretora, que afinal se consolidou no cargo ao longo dos anos, somando a colaboração de inúmeras outras amigas.

Foram 50 anos de contínua atividade na casa. Não sei, nem contei; mas que foram muitos, foram! Quase a vida inteira dedicara ela, à essa pupila dos seus olhos. Quando já aposentada em 1958 se trasladara para a Granja do Pinheiro (o nome foi dado em função de naquele local existir uma Araucária, planta rara em Rio Grande), localizada um pouco além do Arroio dos Carreiros.

Cruzava por ela, diariamente, à beira da estrada, com sol, chuva, bom ou mau tempo, aguardando o ônibus para Rio Grande.

Então as atividades no Frigorífico da Vila da Quinta, levavam-me continuamente às primeiras horas da manhã ao local. Muitas vezes tinha de retornar para Rio Grande, e ainda a encontrava no ponto de embarque, dando-lhe uma carona.

Passaram os anos. Mas diariamente ela vinha para atender suas funções naquele estabelecimento. Ultimamente, já sentindo o peso da idade, fazia à Casa da Criança uma visita por semana. E um táxi vinha apanhá-la e levá-la de volta. Assim foi até poucos dias antes de falecer. Não houve enterro! Doou o corpo para os estudantes da Faculdade de Medicina cortarem e retalharem, assim como todos os seus bens.

Ela, na Granja do Pinheiro, fora pioneira na fabricação de iogurte. A primeira vez que comi iogurte foi por ela produzido.

Faltou-lhe na época um «marketing» e os equipamentos hoje utilizados para tal fim, as embalagens plásticas. Naquele tempo era vendido em garrafinhas, tipo das de leite, de 1/4 de litro.

Também criou coelhos e vendia os láparos para o laboratório Leivas Leite de Pelotas fabricar vacinas. Queijo caseiro e ovos de qualidade, podiam ser dela adquiridos. Foi uma lástima ter encerrado essas atividades. Mas, enfim, como ela dizia, o elemento humano deixava muito a desejar, e se seus olhos não estivessem presentes, muita coisa era mal feita. Como tinha que se deslocar para a Casa da Criança, diariamente, não tinha como fiscalizar e dirigir a granja.

Pois foram esses «olhos» que se fecharam entre nós, para sempre, no dia 20 de maio passado. Abriram-se do outro lado, onde descortinaram as grandezas da imortalidade, e braços dos amigos queridos que a aguardavam. Foi uma vida repleta de atividades, das quais a caridade foi a mais presente.

Uma memória a cultivar, cuja presença nos foi grata. Até breve, Ailza.

PAULO SALIES

Abrajee nº 1619-11.07.91 - Riogr333.doc

Grinal Agora - 23/06/91

H304



Estado do Rio Grande do Sul
CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

Assunto :

PARECER

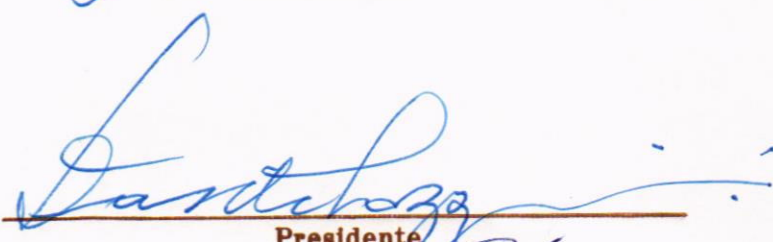
PROCESSO Nº

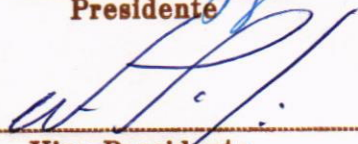
71407

Esta Comissão, após apreciar o projeto de Lei, constante do Processo acima mencionado, declara tratar-se de matéria CONSTITUCIONAL.

Este o parecer desta Comissão, que o submete à deliberação do Plenário.

Sala das Comissões, 12 de abril de 1999


Presidente


Vice-Presidente

Secretário

Membro


Membro



Estado do Rio Grande do Sul
Câmara Municipal do Rio Grande

Of. n.º 425/2000
Processo nº 71.407

Rio Grande, 14 de março de 2000.

Senhor Prefeito,

Apraz-nos cumprimentá-lo, oportunidade que encaminhamos a Vossa Excelência, Projeto de Lei em anexo, aprovado em sessão realizada no dia de ontem, para sua devida apreciação.

Na oportunidade, renovamos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Ver. Danúbio Soares
Presidente

ANEXO: “Dá a denominação de Ailza Duprat a uma via pública do Município.”

Exmo. Sr.
Wilson Mattos Branco
Prefeito Municipal
Nesta



Estado do Rio Grande do Sul

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO GRANDE

PROJETO DE LEI

**“DÁ A DENOMINAÇÃO DE AILZA
DUPRAT A UMA VIA PÚBLICA DE
MUNICÍPIO.”**

Artigo 1º - Fica denominada Ailza Duprat a uma via pública do Município.

Artigo 2º - Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE
GABINETE DO PREFEITO

LEI Nº 5.397, de 20 de março de 2000

**"DÁ A DENOMINAÇÃO DE AILZA
DUPRAT A UMA VIA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO".**

O PREFEITO MUNICIPAL DO RIO GRANDE, usando das atribuições que lhe confere a Lei Orgânica em seu Artigo 51, Inciso III.

Faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona a seguinte Lei:

Artigo 1º – Fica denominada Ailza Duprat uma via pública do Município.

Artigo 2º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Artigo 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

Rio Grande, 20 de março de 2000.



WILSON MATTOS BRANCO
Prefeito Municipal

cc.: SMF/SMCP/ULT/PJ/CMV/EBCT/FAMÍLIA/
Publicação.–